



Correspondência aos Autores

<sup>1</sup> Felipe Tumenas Marques  
Universidade Federal da Bahia, Brasil  
E-mail: tumenas@ufba.br  
CV Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/3675095654301312>

Submetido: 22 abr. 2023

Aceito: 28 set. 2023

Publicado: 11 out. 2023

[doi> 10.20396/riesup.v11i00.8673199](https://doi.org/10.20396/riesup.v11i00.8673199)  
e-location: e025019

ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre



## Análise do perfil dos professores do Ensino Superior brasileiro de 2010 a 2019

Felipe Tumenas Marques<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0001-8327-4215>

### RESUMO

**Introdução:** Nos últimos anos, o Brasil experimentou um significativo aumento no ensino superior, tanto em termos de quantidade de instituições quanto de estudantes matriculados. Nesse contexto, esse crescimento poderia ser o vetor de mudanças não apenas no perfil dos estudantes, mas também no perfil dos docentes. **Objetivo:** Este artigo tem como objetivo trazer um panorama geral sobre os professores do ensino superior no Brasil nos últimos anos. **Método:** Análise descritiva dos microdados do Censo da Educação Superior de 2010 a 2019. **Resultados:** Durante esse período, houve um aumento no número de docentes, mas também um aumento na quantidade de alunos por professor. Apesar do crescimento do ensino superior privado, os professores de instituições públicas passaram a ser a maioria dos docentes no país. Uma fonte desse crescimento em instituições públicas foram os Institutos Federais. Além disso, houve pouca mudança no perfil dos professores, sendo ainda predominantemente de raça branca e com um equilíbrio entre sexos. Houve um aumento nas médias de idade e de titulação e uma diminuição na proporção de professores que nasceram no mesmo estado da instituição onde trabalham, o que poderia indicar uma diminuição na endogenia acadêmica. Por fim, a permanência dos professores na mesma instituição é, em média, cerca de 85% de um ano para o outro e mais de 80% dos professores têm apenas um vínculo empregatício dentro do ensino superior. **Conclusão:** As instituições públicas, no Brasil, passaram a abrigar a maioria dos docentes no ensino superior. No entanto, o perfil racial dos docentes pouco se modificou, não acompanhando a mudança no perfil racial dos estudantes ao longo dos últimos anos.

### PALAVRAS-CHAVE

Professores. Ensino superior. Censo do ensino superior.

## Analysis of the profile of professors in Brazilian Higher Education from 2010 to 2019

### ABSTRACT

**Introduction:** In recent years, Brazil has experienced a significant increase in higher education, both in terms of the number of institutions and enrolled students. In this context, this growth could be the driving force for changes not only in the profile of students but also in the profile of teachers. **Objective:** This article aims to provide a general overview of the professors in higher education in Brazil in recent years. **Method:** Descriptive analysis of microdata from the Census of Higher Education from 2010 to 2019. **Results:** During this period, there was an increase in the number of teachers, but also an increase in the number of students per teacher. Despite the growth of private higher education, teachers from public institutions became the majority of teachers in the country. One source of this growth in public institutions was the Federal Institutes. In addition, there was minor change in the profile of teachers, who are still predominantly white and with a balance between genders. There was an increase in the average age and level of education, and a decrease in the proportion of teachers who were born in the same state as the institution where they work, which could indicate a decrease in academic endogamy. Finally, the average retention of teachers in the same institution is about 85% from one year to the next, and more than 80% of teachers have only one employment relationship within higher education. **Conclusion:** In Brazil, public institutions have come to host the majority of faculty in higher education. However, the racial profile of the faculty has changed little, not keeping pace with the shifting racial profile of students over recent years.

### KEYWORDS

Professors. Higher education. Higher education census.

## Análisis del perfil de los profesores de la Educación Superior brasileña de 2010 a 2019

### RESUMEN

**Introducción:** En los últimos años, Brasil ha experimentado un aumento significativo en la educación superior, tanto en términos de cantidad de instituciones como de estudiantes matriculados. En este contexto, este crecimiento podría ser el motor de cambios no solo en el perfil de los estudiantes, sino también en el perfil de los docentes. **Objetivo:** Este artículo tiene como objetivo proporcionar una visión general de los profesores en la educación superior en Brasil en los últimos años. **Método:** Análisis descriptivo de microdatos del Censo de Educación Superior de 2010 a 2019. **Resultados:** Durante este período, hubo un aumento en el número de docentes, pero también un aumento en la cantidad de estudiantes por profesor. A pesar del crecimiento de la educación superior privada, los profesores de instituciones públicas se convirtieron en la mayoría de los profesores en el país. Una fuente de este crecimiento en instituciones públicas fueron los Institutos Federales. Además, hubo pocos cambios en el perfil de los profesores, que todavía son predominantemente blancos y con un equilibrio entre los géneros. Hubo un aumento en la edad promedio y el nivel educativo, y una disminución en la proporción de profesores que nacieron en el mismo estado que la institución donde trabajan, lo que podría indicar una disminución en la endogamia académica. Finalmente, la retención promedio de profesores en la misma institución es del 85% de un año a otro, y más del 80% de los profesores tienen solo una relación laboral dentro de la educación superior. **Conclusión:** En Brasil, las instituciones públicas han llegado a albergar la mayoría de los docentes en educación superior. Sin embargo, el perfil racial de los docentes ha cambiado poco, no siguiendo el ritmo del cambio en el perfil racial de los estudiantes en los últimos años.

### PALABRAS CLAVE

Docentes. Educación superior. Censo de Educación superior.

### CRedit

- **Reconhecimentos:** Não aplicável.
- **Financiamento:** Não aplicável
- **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
- **Aprovação ética:** Não aplicável
- **Disponibilidade de dados e material:** Disponíveis no site do INEP (<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-da-educacao-superior>)
- **Contribuições dos autores:** Conceituação; Curadoria de Dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Redação – rascunho original; Revisão & edição, Administração de Projetos, Aquisição de Financiamento: Marques, F.T.

Editora de Seção: Andréia Aparecida Simão

## 1 Introdução

O ensino superior brasileiro viveu uma grande expansão nos últimos anos, com aumento tanto no número de estudantes quanto no número de instituições de ensino superior (IES) (Miranda; De Azevedo, 2020). Esse aumento e seus impactos nas mais variadas vertentes têm sido objeto de pesquisa de diversos autores. No entanto, um pilar fundamental do ensino superior recebe relativamente pouca atenção na literatura nacional, os professores.

Na literatura internacional, o papel dos professores no ensino superior é objeto de estudo de diversos autores. Uma vertente dessa literatura é a liderança intelectual dos professores nas instituições. Segundo Macfarlane (2011) o professor deve possuir diversas qualidades que estão associadas ao seu papel como líder intelectual: modelo, mentor, defensor, guardião, aquisidor e embaixador. Porém, o novo gerencialismo e as expectativas de desempenho estão remodelando o papel dos professores (Macfarlane, 2011).

Outra vertente da literatura internacional é a mudança da atuação dos professores nos tempos atuais. No ensino superior existem diversos fatores influenciando a atuação dos professores. De um lado temos os alunos encarando o ensino superior cada vez mais como consumidores. (Tomlinson, 2018). De outro lado, cresce entre os próprios professores a cultura de pressão por publicações, que existe desde o início de carreira e é aceita como um "fato da vida", mesmo que seja, pelo menos parcialmente, autoimposta. (Waijjer, 2018) Na Austrália, como reação a esse cenário acadêmico desafiador, foi observado um fenômeno de "zumbificação" dos professores como forma de resistência passiva e sobrevivência. Os professores minimizam seu envolvimento acadêmico, obedecendo à letra, mas não ao espírito, da rotina acadêmica. (Ryan, 2012) Já Berg e Seeber (2018) definem a 'universidade corporativa' como inimigo a ser combatido através de um movimento chamado "Slow Professors". Utilizando os princípios do Slow, originário da área gastronômica, na prática profissional, é um meio efetivo de controlar o ritmo de trabalho e preservar a educação humanística (Berg; Seeber, 2018).

No Brasil, a literatura sobre professores universitários aborda diversos aspectos. Autores como Souza e Mendonça (2009) e Sanchez et al (2019) têm como foco a qualidade de vida dos professores. Vieira e Schneiker (2021) relacionam o desempenho dos estudantes no Exame Nacional dos Estudantes, ENADE, com o perfil dos docentes. Um fator crucial na carreira do professor de ensino superior é a produção e divulgação de conhecimentos através de publicações em periódicos científicos. Grande parte da pressão por publicações está relacionada à própria formação dos professores. Segundo Vosgerau, Orlando e Meyer (2017), o sistema de avaliação da Capes para a formação de docentes para o ensino superior privilegia a quantidade de publicações, contribuindo para a manutenção da formação insuficiente em didática e pedagogia. Supõe-se que a formação como pesquisador, seguindo a lógica do produtivismo acadêmico, é suficiente para formar o professor e o intelectual. (Vosgerau; Orlando; Meyer, 2017). Além disso, tivemos o crescimento do ensino superior, com impactos para as condições de trabalho dos professores (Broch; Breschiliare; Barbosa-Rinaldi, 2020). No caso das instituições de ensino superior públicas, houve uma expansão sem a contrapartida orçamentária

necessária, precarizando o trabalho docente no Brasil (Leda; Mancebo, 2009).

A precarização do trabalho docente no ensino superior é tema de diversos autores, como Bosi (2007) e Reis e Cecílio (2014). Sob essa ótica, a Educação à Distância (EaD) tem se tornado uma avenida para institucionalizar a precarização. Por exemplo, a Universidade Aberta do Brasil (UAB) subcontrata seus principais agentes (tutores) através de bolsas, sem vínculos empregatícios e direitos trabalhistas (Pereira, 2017). Esses fenômenos contribuem para a uberização do trabalho docente, que é caracterizada por professores que ministram aulas díspares à sua formação, sustentados por materiais padronizados, com contratos precários e que devem estar acessíveis para assumir aulas de qualquer disciplina, como um professor “on demand” (Venco, 2019).

Locatelli (2017) fornece uma visão geral sobre trabalho docente no ensino superior brasileiro de 2003 a 2013 e traça um panorama da evolução dos docentes nesse período. Este artigo avança na discussão sobre os docentes do ensino superior brasileiro apresentando um perfil descritivo detalhado dos professores do ensino superior brasileiro de 2010 a 2019. Dessa maneira, é possível conhecer o perfil sócio demográfico dos docentes, sua relação com as IES e as variações que ocorreram ao longo desses 10 anos.

## 2 Dados e método

Este artigo tem como fonte de dados os microdados do Censo do Ensino Superior (INEP, 2020). Esse censo é realizado anualmente e contém informações abrangentes sobre todos os docentes do ensino superior. Serão utilizados os dados dos censos de 2010 até 2019. O censo de 2010 foi o primeiro a disponibilizar os microdados e o censo de 2019 foi o último com esses dados disponíveis. Dentre as informações disponibilizadas no censo estão dados sobre idade, raça, sexo, formação acadêmica e regime de trabalho dos docentes, além de informações sobre as IES e sobre os estudantes.

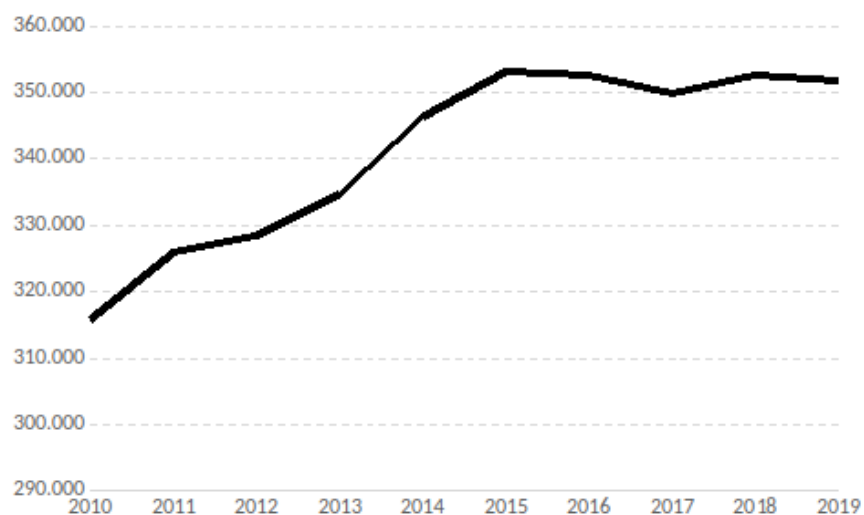
O método utilizado é a análise descritiva, com o cálculo das proporções das respostas e sua evolução de 2010 a 2019. O foco é obter uma visão geral dos docentes no ensino superior brasileiro. Além da análise descritiva sobre o perfil dos docentes, também serão avaliados os dados relativos ao trabalho dos docentes, como a quantidade de vínculos empregatícios dos docentes com as IES e a proporção de docentes em cada IES que mantém o vínculo empregatício de um ano para o outro.

### 3 Resultados

#### 3.1 Visão geral

A primeira informação a ser apresentada é a evolução do número de professores no ensino superior no Brasil, conforme representado na figura 1 a seguir.

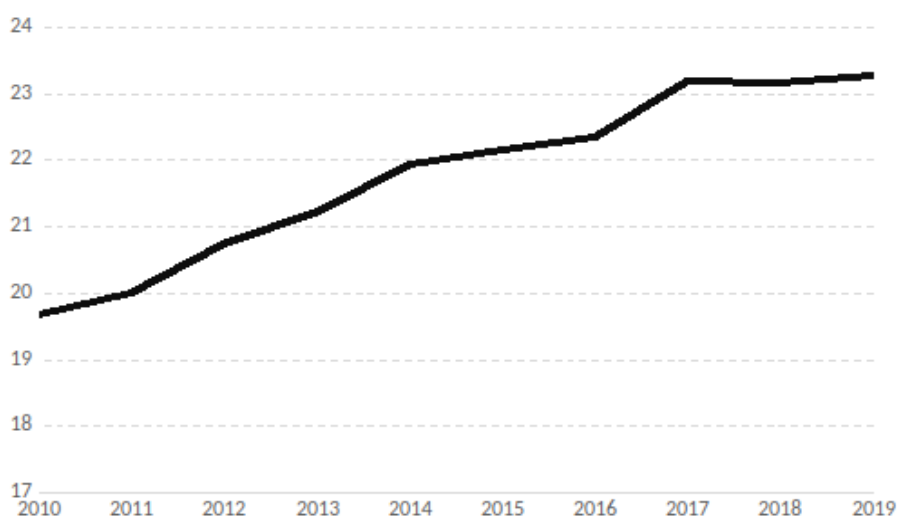
**Figura 1.** Evolução do número de professores



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

A quantidade de professores aumentou de 2010 até 2015 e, a partir de 2016, se estabilizou em cerca de 350 mil docentes. No entanto, essa quantidade precisa ser avaliada em relação à quantidade de estudantes. Na figura 2, a seguir, está a evolução da quantidade de alunos por professor ao longo do período.

**Figura 2** Evolução da quantidade de alunos por professor

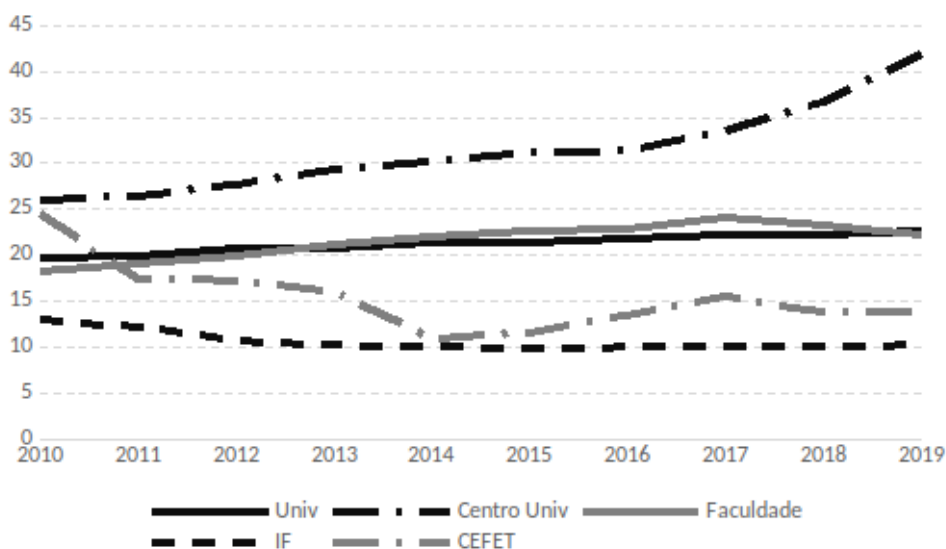


Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Apesar do crescimento da quantidade de professores, a quantidade de alunos por professor apresentou uma tendência de alta até 2017, estabilizando em torno de 23 alunos por professor. Ou seja, enquanto a quantidade de professores cresce, a quantidade de alunos cresce ainda mais.

Para ter um entendimento melhor desse fenômeno, na figura 3 apresenta a evolução dessa relação por tipo de organização acadêmica da IES.

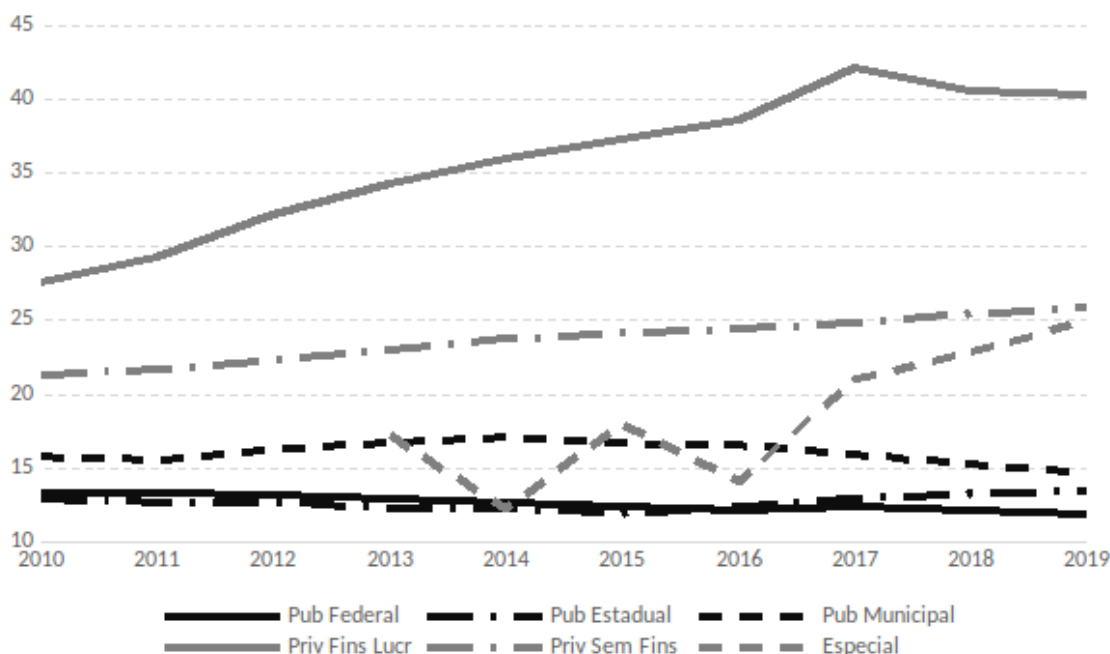
**Figura 3.** Evolução da quantidade de alunos por professor por Organização Acadêmica



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

A maior média de alunos por professor se dá nos Centros Universitários, aumentou de uma média de cerca de 25 alunos por professor em 2010 para aproximadamente 40 alunos por professor em 2019. Um ponto de atenção é que os professores de Instituto Federal (IF) e CEFET também ministram aulas para o ensino médio e ensino técnico, o que não é considerado para o cálculo da quantidade de alunos por professor (o que certamente elevaria essa quantidade).

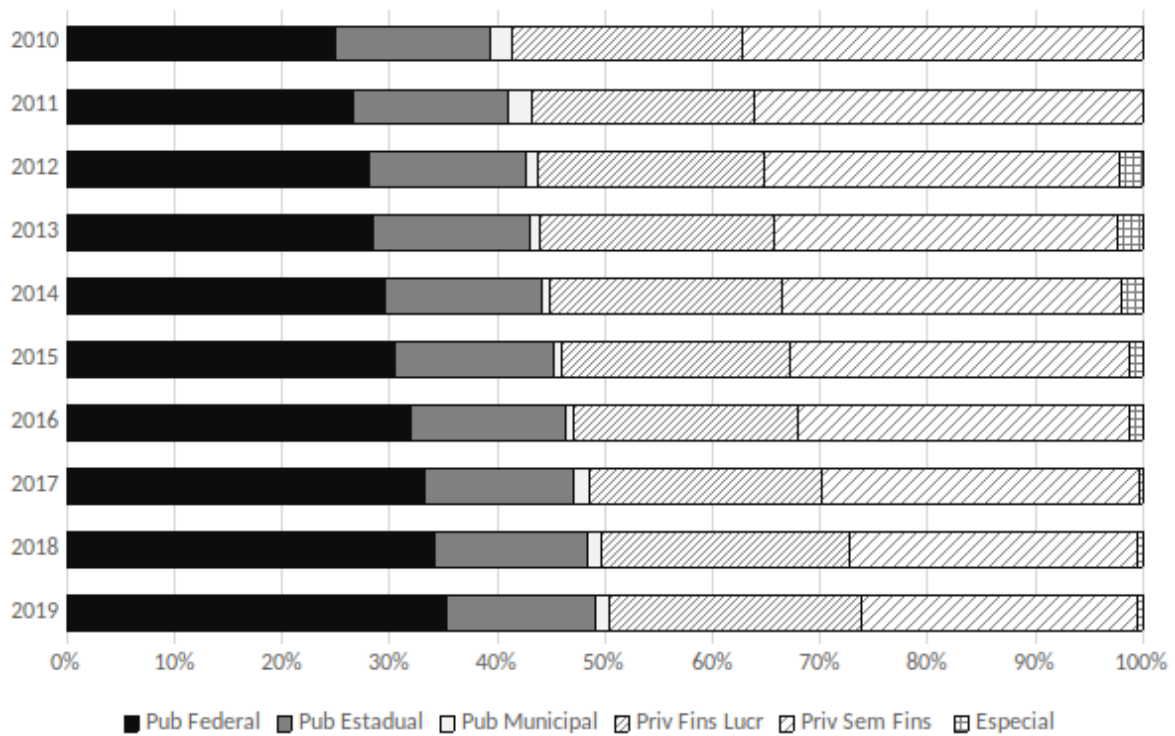
Uma outra maneira de observar esse fenômeno está na figura 4 a seguir, onde a mesma evolução é desagregada de acordo com a categoria administrativa das IES.

**Figura 4.** Evolução da quantidade de alunos por professor por Categoria Administrativa

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Fica evidente o crescimento na quantidade de alunos por professor nas IES Privadas com Fins Lucrativos, que subiu de uma média de cerca de 25 alunos por professor para aproximadamente 40 alunos por professor. Na sequência estão as IES Privadas sem Fins Lucrativos, que passaram de cerca de 20 alunos por professor para cerca de 25 alunos por professor. As IES Públicas Municipais e Estaduais mantiveram suas médias estáveis ao longo do período observado. Já as IES Públicas Federais apresentaram uma tendência de queda. Esses resultados indicam claramente uma tendência nas IES Privadas de aumento na quantidade de alunos por professor, que está na faixa de 40 alunos por professor.

Para entender o crescimento da quantidade de docentes, a figura 5 apresenta a evolução da proporção de professores em cada categoria administrativa.

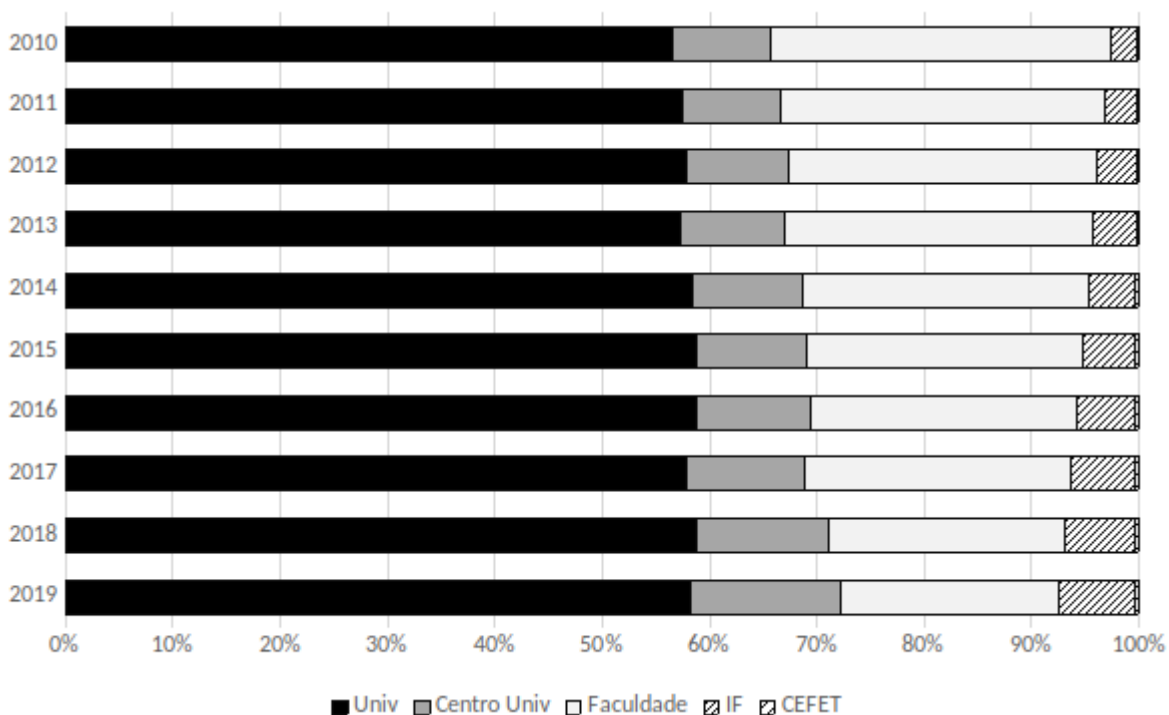
**Figura 5.** Evolução da proporção de professores por categoria administrativa da IES

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Há um crescimento claro na proporção de professores nas IES públicas. A soma das proporções de professores de IES Públicas Federais, Públicas Estaduais e Públicas Municipais ultrapassou 50% em 2019. Esses resultados mostram que, embora o aumento do número de alunos no ensino superior tenha ocorrido nas IES privadas, a expansão da quantidade dos docentes aconteceu nas IES públicas.

Além da categoria administrativa, a figura 6 a seguir traz a evolução da proporção de professores por tipo de organização acadêmica da IES.



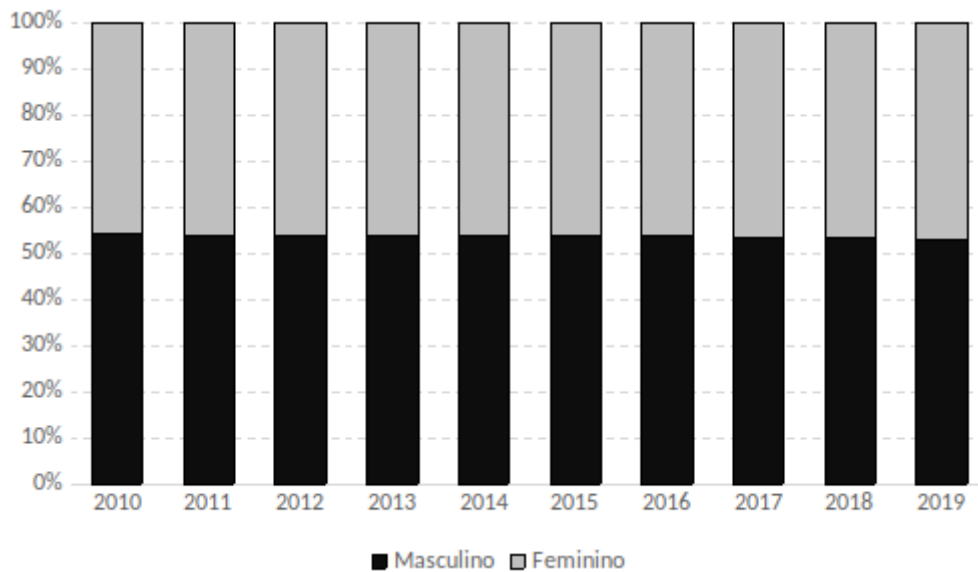
**Figura 6.** Evolução da proporção de professores por organização acadêmica da IES

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Apesar do crescimento da proporção de professores em instituições públicas federais, a proporção de professores das universidades cresceu apenas ligeiramente, passando de cerca de 56% para aproximadamente 58%. Houve um crescimento na proporção de professores em Institutos Federais (IF), cerca de 2,5% em 2010 para cerca de 7% em 2019, e uma queda na proporção de professores em Faculdades de cerca de 31% em 2010 para cerca de 20% em 2019. Ou seja, o aumento de professores nas IES públicas tem como origem os IFs.

### 3.2 Perfil sociodemográfico dos docentes

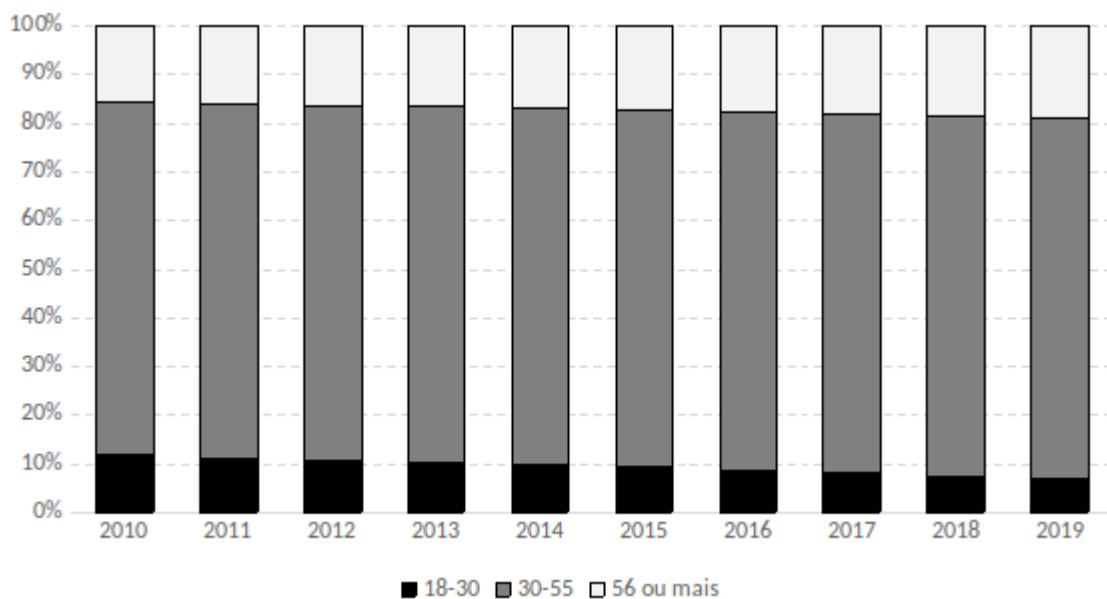
Dado o crescimento na quantidade de professores no ensino superior, é necessário entender o perfil desses docentes. Na figura 7 a seguir, é apresentada a evolução da proporção de professor.

**Figura 7.** Evolução da proporção de professores por sexo

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

A proporção entre professores do sexo masculino e feminino permanece estável no período analisado, com professores do sexo masculino em leve maioria, com cerca de 54% do total.

Com relação à distribuição por faixa etária dos docentes, essa evolução da distribuição está apresentada na figura 8 a seguir.

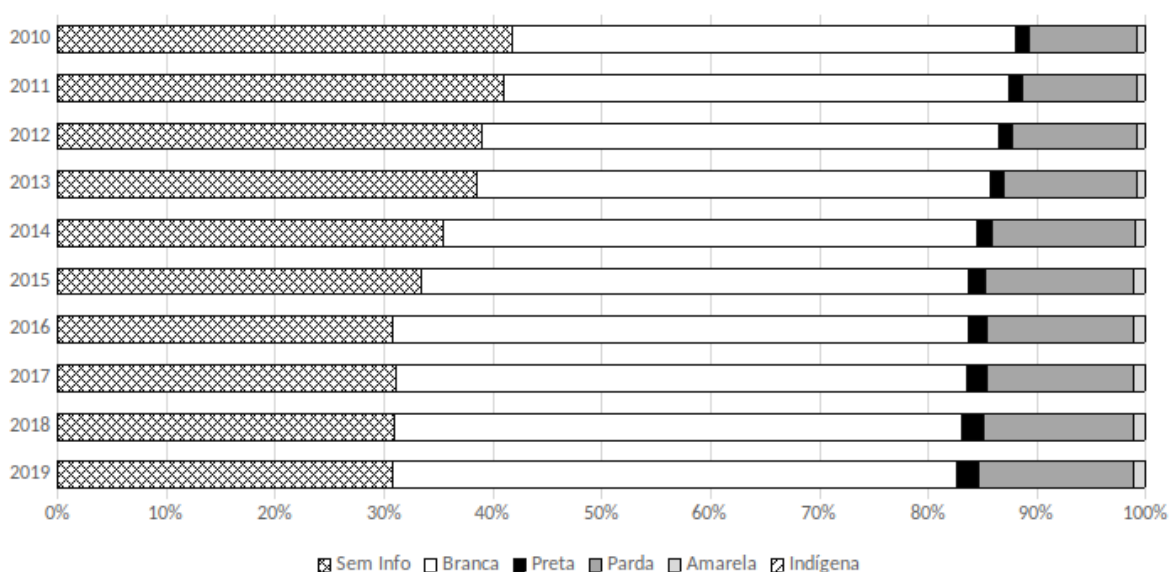
**Figura 8.** Evolução da proporção de professores por faixa etária

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Apesar do crescimento da quantidade de professores, o que poderia indicar a entrada de pessoas mais novas na profissão, existe uma queda na proporção de professores na faixa de 18 a 30 anos no período analisado. Essa proporção caiu de cerca de 11% em 2010 para 7% em 2019. A proporção de professores na faixa etária de 30 a 55 anos oscilou de 73% para 74% no período analisado. Já a proporção de professores da faixa etária de 56 anos ou mais subiu de 15% para 18%.

Na figura 9 a seguir, está a proporção de professores por raça.

**Figura 9.** Evolução da proporção de professores por raça

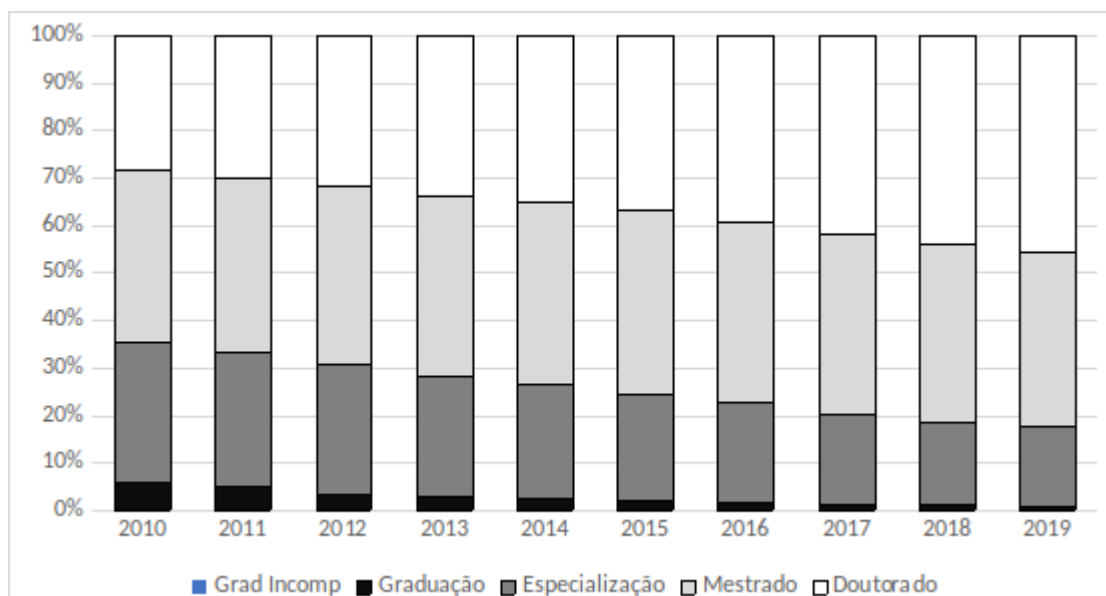


Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Houve uma queda na proporção de professores sem informação sobre raça de 2010 a 2019. Apesar do aumento na proporção de professores de raça parda, de cerca de 17% para aproximadamente 20%, e um pequeno crescimento na proporção de professores de raça preta de 2,13% para 2,88%, a grande maioria dos professores é da raça branca, apesar da redução de 80% para 75% no período observado.

Com relação à formação dos professores, a evolução da proporção por escolaridade está na figura 10 a seguir.

**Figura 10.** Evolução da proporção de professores por escolaridade

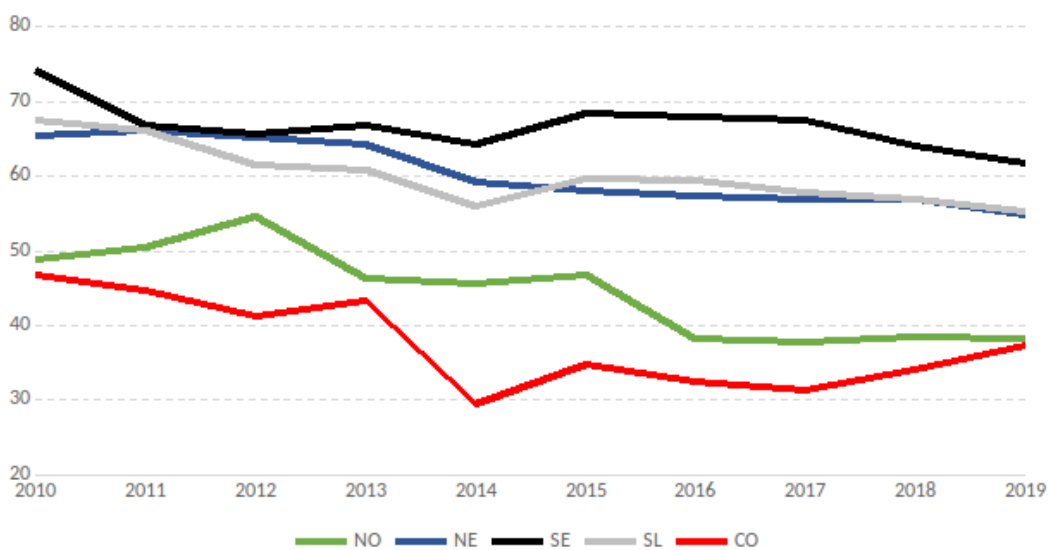


Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Durante o período observado houve uma queda na proporção de professores apenas com Graduação e professores com Especialização, e um aumento na proporção de professores com Doutorado. A proporção de professores com doutorado nas IES aumentou de menos de 30% em 2010 para quase 50% em 2019.

Por fim, na análise sociodemográfica dos professores, é possível avaliar se um professor é da mesma unidade da federação (UF) que a IES onde está vinculado. Ou seja, se os professores se mantêm nos estados onde nasceram ou se há uma mobilidade regional. Na figura 11 está a evolução da proporção de professores que estão na mesma UF por região do Brasil (Norte, Nordeste, Centro Oeste, Sudeste, Sul)

**Figura 11.** Proporção de professores da mesma UF que a IES



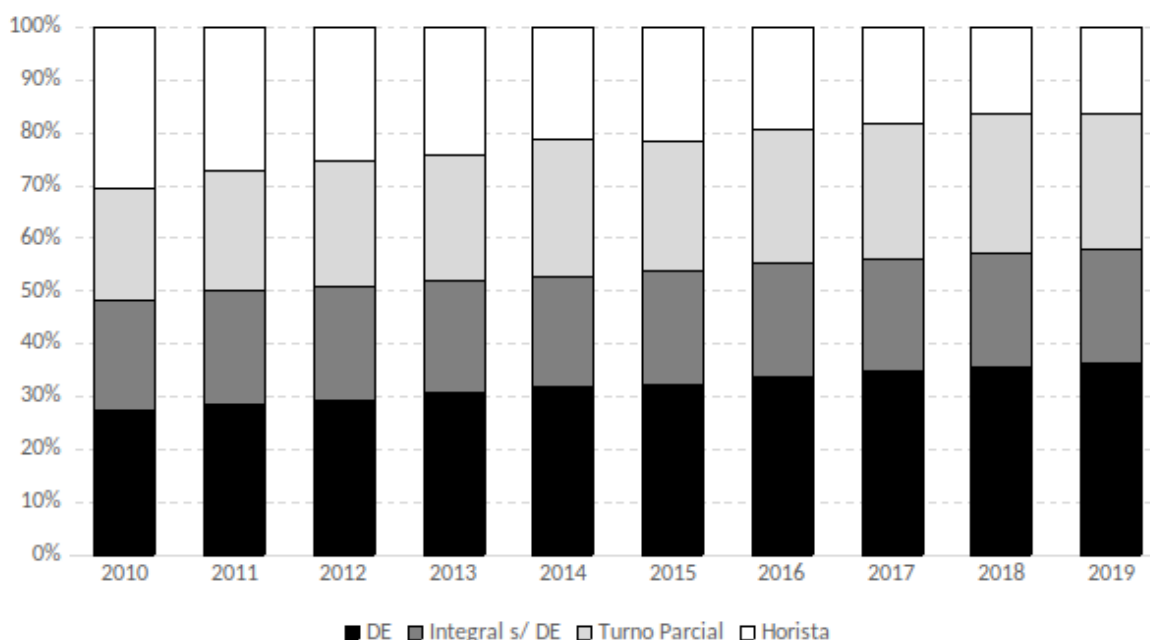
Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

A proporção de professores que são da mesma UF que a IES apresentou uma tendência de queda. As IES localizadas nos estados das regiões Norte e Centro Oeste apresentaram a menor proporção de professores provenientes do mesmo estado, cerca de 40%. Já os estados da região Sudeste têm a maior proporção de professores provenientes da mesma UF, cerca de 60%.

### 3.3 Situação de Trabalho

Além da análise da quantidade de professores do ensino superior e de seu perfil sociodemográfico, é **crucial** entender a situação de trabalho que esses docentes se encontram. Na figura 12 está a evolução da proporção de docentes por tipo de contrato de trabalho.

**Figura 12.** Evolução da proporção de professores por contrato de trabalho

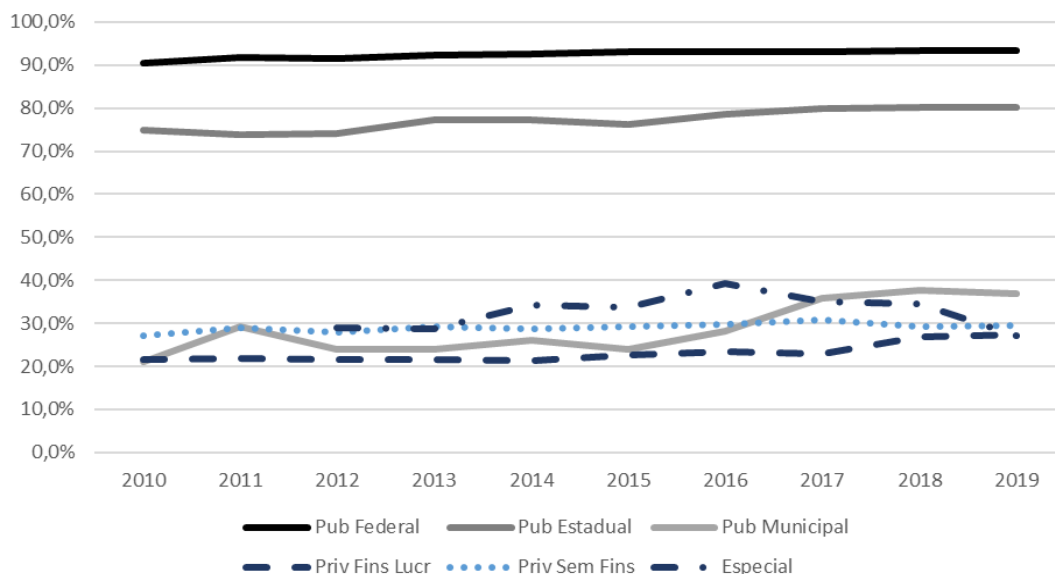


Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Houve um crescimento na proporção de professores com dedicação exclusiva, de 27% para 36% e uma redução na proporção de professores horistas, de 30% para 16%. Esses resultados são condizentes com o aumento de professores no ensino superior ter como origem as IES públicas.

O detalhamento da proporção de professores com contrato de tempo integral, tanto com dedicação exclusiva ou não, por tipo de organização acadêmica, está na figura 12 a seguir.

**Figura 13.** Proporção de professores de tempo integral por tipo de organização acadêmica

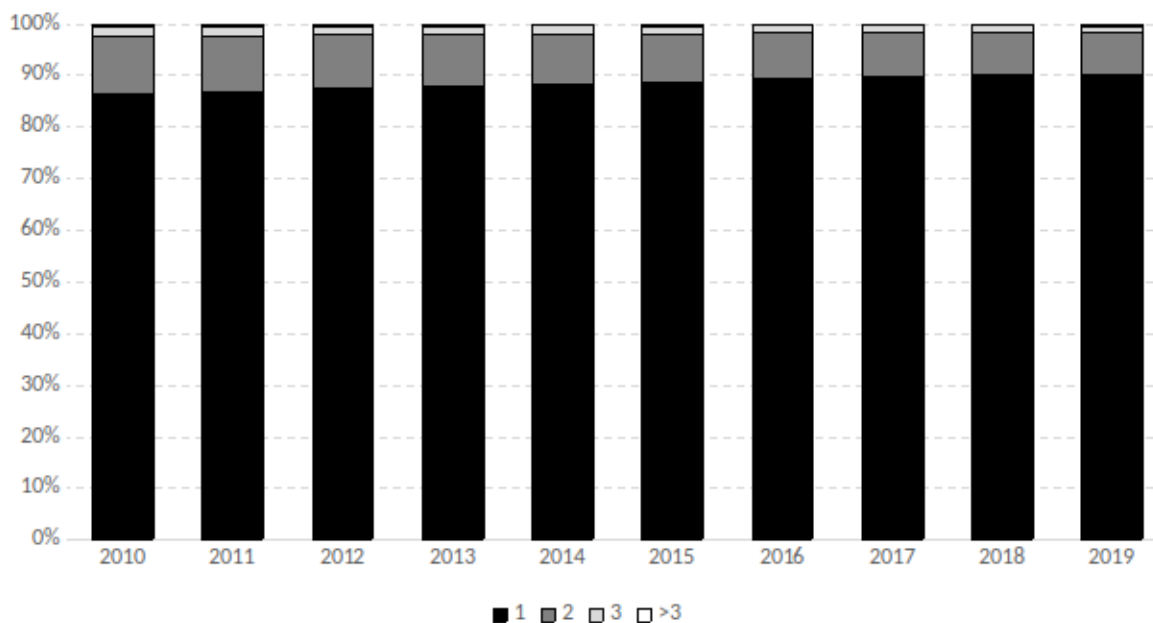


Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Enquanto as IES públicas federais têm cerca de 90% de seus docentes em tempo integral e as estaduais, aproximadamente 80%, nas demais IES, menos de 40% dos docentes possuem contrato de tempo integral.

Como nem todos os professores possuem dedicação exclusiva ou dedicação integral, na figura 14 a seguir está a evolução dos professores por quantidade de vínculos com IES.

**Figura 14.** Evolução da proporção de professores por quantidade de vínculos

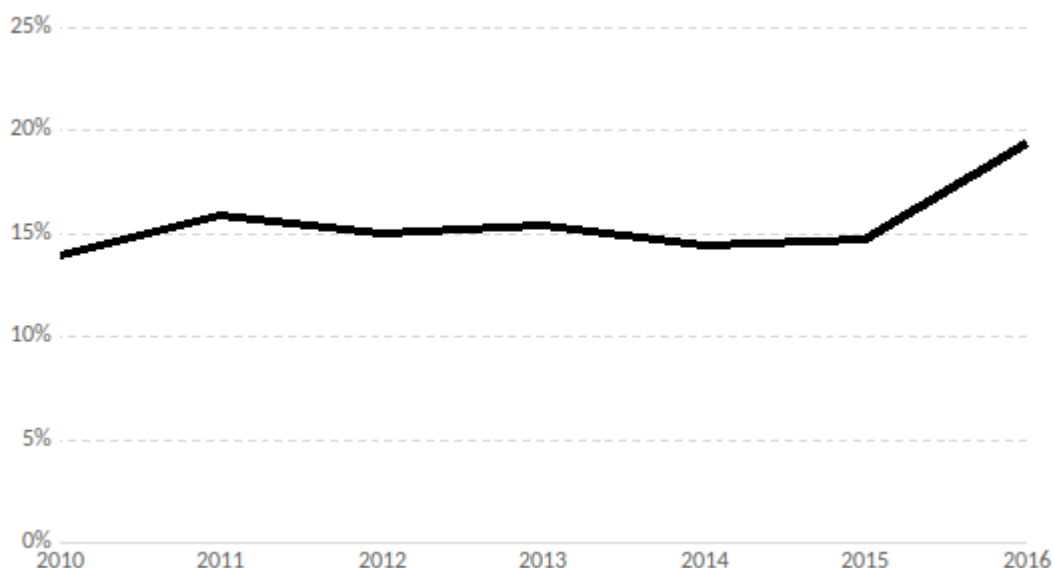


Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Houve um aumento na proporção de professores com apenas 1 vínculo, de 86% para 90%. No entanto, é importante ressaltar que nessa análise são considerados apenas os vínculos dos professores com IES, sendo possível que alguns professores também tenham vínculo empregatício com organizações que não são IES (empresas privadas, órgãos públicos, dentre outros). Ou seja, a proporção de 10% de docentes com mais de um vínculo empregatício pode estar subestimada e ser maior.

Além do número de vínculos, a permanência dos docentes em uma IES é uma questão de grande relevância. Para avaliar essa permanência foi feita a comparação, de um ano para o ano seguinte, se o professor ainda permanece vinculado à IES. Entretanto, em 2018, o código de identificação dos professores nos microdados mudou, o que impossibilitou a continuidade da comparação a partir desse ano. Logo, a avaliação é feita até o ano de 2016 (avaliando quantos professores de 2016 não estão mais na mesma IES em 2017). Na figura 15, temos a evolução da proporção de professores que não permanecem na mesma IES no ano seguinte.

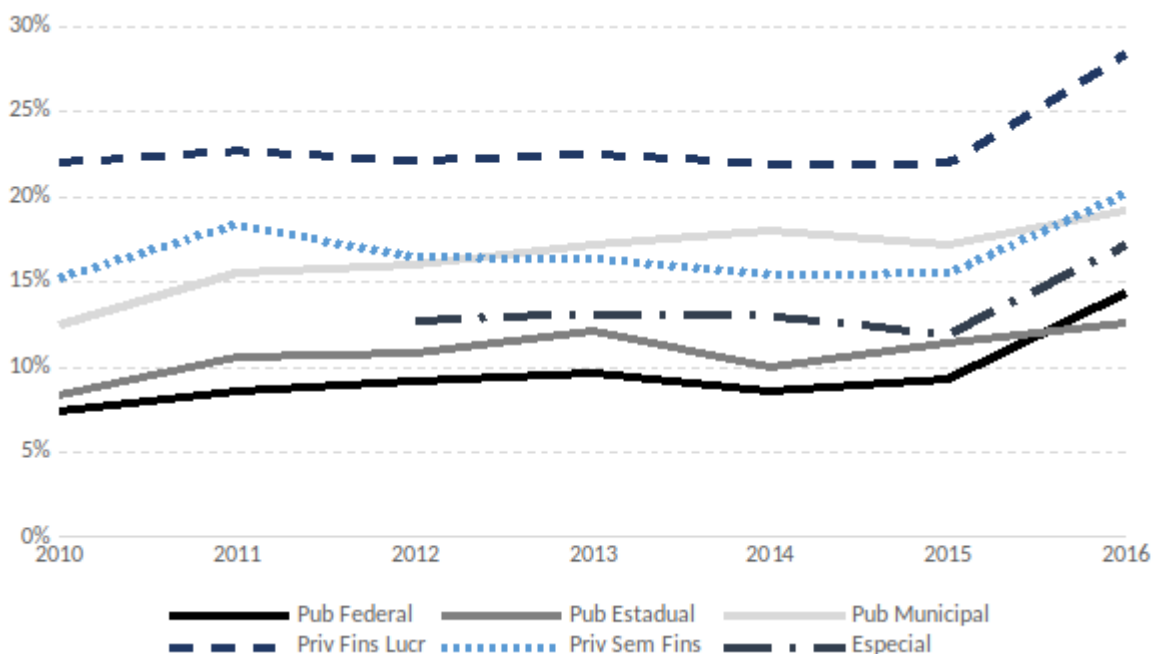
**Figura 15.** Rotatividade de Professores



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

A proporção é estável em praticamente todo período, com aproximadamente 15% dos professores saindo da IES de um ano para o outro. A exceção ocorre em 2016, quando 20% dos professores desse ano não permaneceram na IES em 2017. Entretanto, essa rotatividade de professores varia por tipo de IES. Na figura 16, a seguir, temos a abertura por categoria administrativa da IES.

**Figura 16.** Rotatividade de professores por categoria administrativa da IES

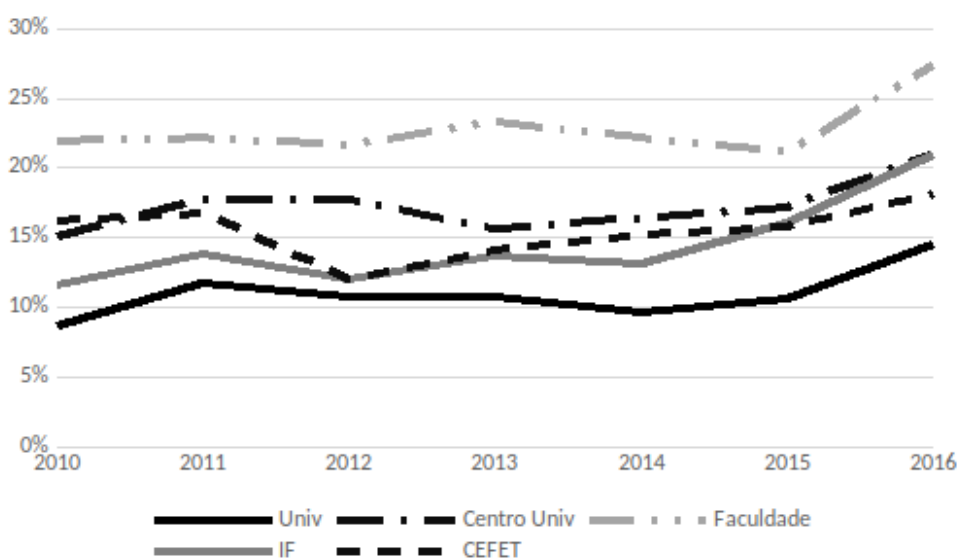


Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Como esperado, a maior rotatividade ocorre nas IES Privadas com Fins Lucrativos, onde mais de 20% dos professores saíram de um ano para o outro. Com esse nível de rotatividade, as IES Privadas com Fins Lucrativos, alterariam todo seu corpo docente a cada 5 anos. A menor rotatividade é observada nas IES Públicas Federais, com uma taxa de cerca de 10%, implicando em uma mudança do corpo docente a cada 10 anos.

Na figura 17 está a proporção dos professores que saem, discriminados pela organização acadêmica da IES.

**Figura 17.** Rotatividade de professores por organização acadêmica da IES



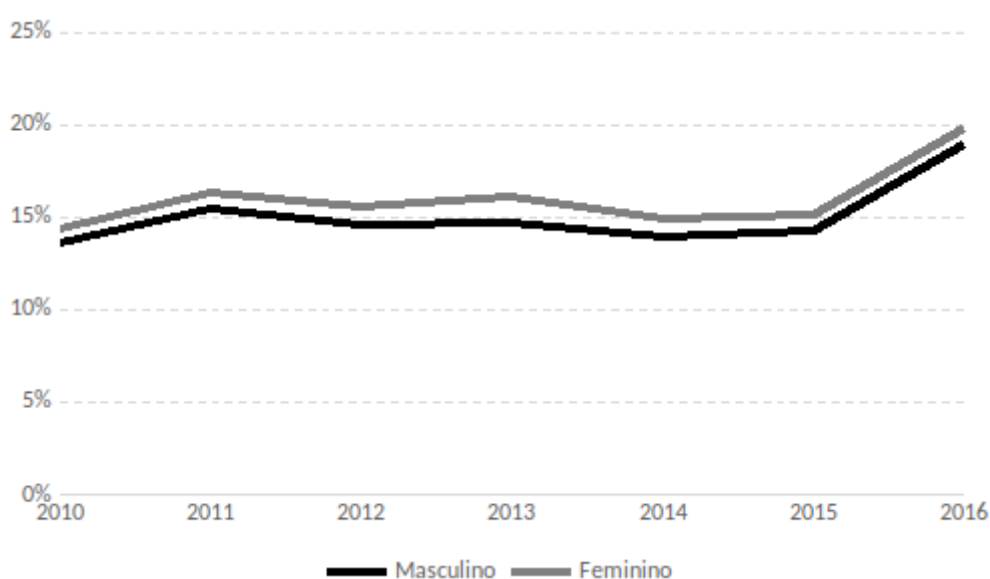
Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior



A menor rotatividade ocorreu nas universidades, enquanto a maior rotatividade ocorreu nas faculdades. A segunda maior taxa de saída ficou nos centros universitários. A organização acadêmica está associada à categoria administrativa, de maneira que IES Públicas, que concentram as universidades, tiveram a menor rotatividade e as IES Privadas com Fins Lucrativos, que concentram as Faculdades e Centros Universitários, tiveram a maior rotatividade.

Além das características das IES, a rotatividade docente pode estar relacionada com as características individuais dos professores. Na figura 18, a seguir, está a rotatividade dos docentes separada por sexo.

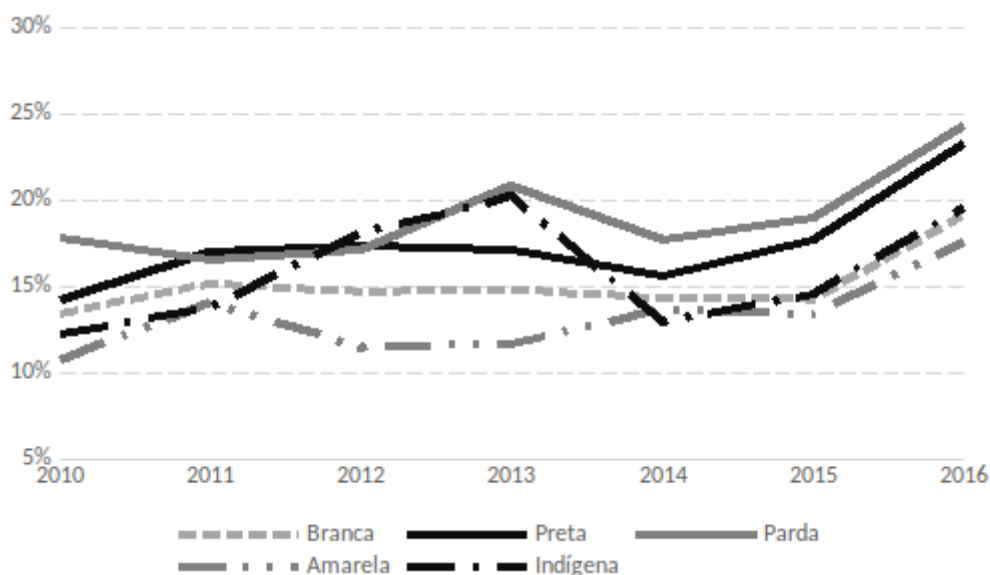
**Figura 18.** Rotatividade de professores por sexo



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

A rotatividade de ambos os sexos é semelhante e seguiu a mesma tendência no período analisado. Porém, ao longo desse período, a rotatividade no sexo feminino esteve sempre ligeiramente superior à do sexo masculino.

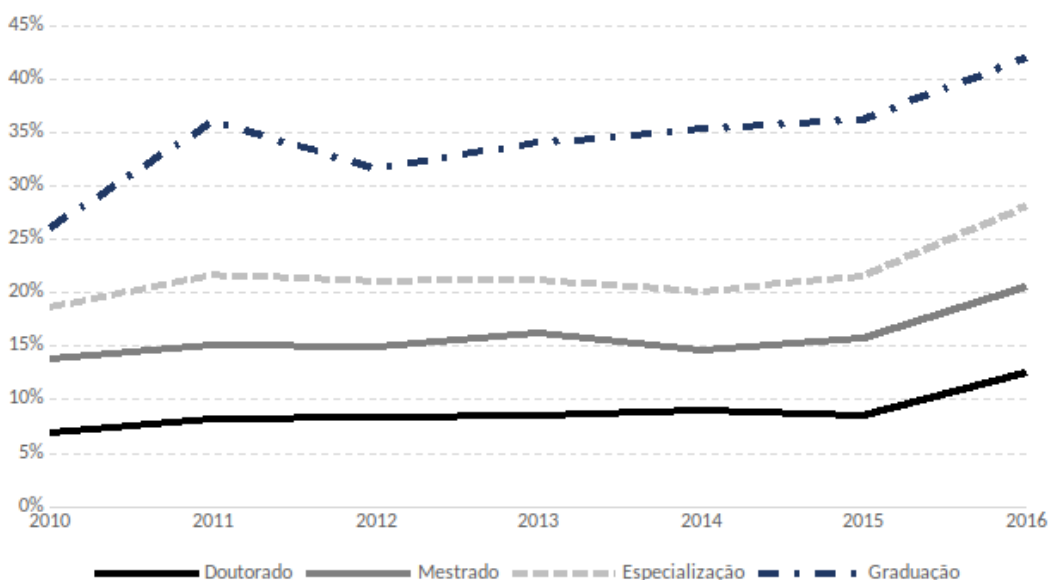
**Figura 19.** Rotatividade de professores por raça



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

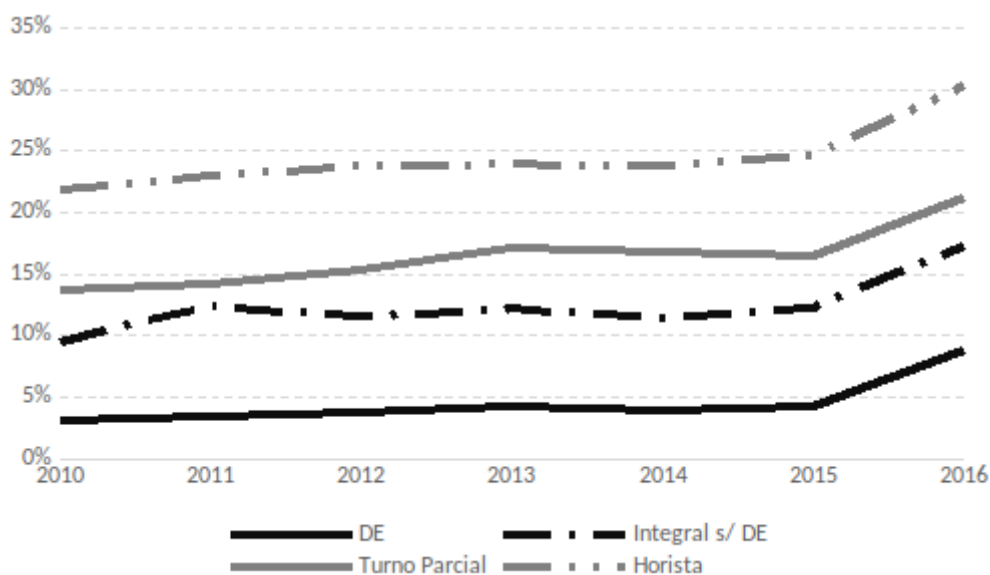
A rotatividade de professores foi mais alta para pretos e pardos, com esses dois grupos se alternando na liderança dessa categoria. A exceção ocorreu em 2012 e 2013, quando o grupo de professores indígenas apresentou a maior rotatividade. Por outro lado, a menor rotatividade durante o período analisado foi observada entre os professores da raça amarela.

**Figura 20.** Rotatividade de professores por formação



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Houve uma diferença nítida na rotatividade dos professores em relação à sua formação acadêmica. Quanto menor a formação, maior foi a rotatividade de um ano para o outro. Essa informação está relacionada com o fato de que professores de IES Públicas com Dedicção Exclusiva normalmente possuem doutorado.

**Figura 21.** Rotatividade de professores por tipo de contrato

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados de ensino superior

Parece haver três níveis distintos de rotatividade. O nível mais baixo dos professores com dedicação exclusiva. Os professores com dedicação integral, mas sem exclusividade, apresentaram uma taxa de rotatividade semelhante à dos professores de turno parcial. O nível mais alto de rotatividade ocorreu entre os professores horistas, com mais de 20% dos professores saindo de um ano para o outro, chegando a 30% na última observação.

#### 4 Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo apresentar um perfil descritivo detalhado dos professores do ensino superior brasileiro no período de 2010 a 2019, analisando seu perfil sociodemográfico, suas relações com as instituições de ensino superior (IES) e as variações ocorridas ao longo desses 10 anos.

Entre os resultados encontrados, o primeiro fato relevante é o crescimento na quantidade de professores no ensino superior. As IES públicas foram o foco desse aumento, especialmente os Institutos Federais, apesar do crescimento na quantidade de alunos nas IES privadas no mesmo período. Ao final do período analisado, os professores das IES públicas passaram a representar mais de 50% do total de professores no país. Como resultado desse fenômeno, a proporção média de alunos por professor no ensino superior brasileiro aumentou ao longo do período. Isso se deve principalmente ao aumento no número de alunos nas IES particulares, sem um aumento correspondente na quantidade de professores. Enquanto nas IES Privadas com Fins Lucrativos a quantidade de alunos por professor aumentou de 30 para 40, nas IES Públicas essa quantidade oscilou abaixo de 15. Isso que indica que as IES Privadas com Fins Lucrativos buscam utilizar ao máximo a capacidade de trabalho dos professores, e que essa quantidade de 40 alunos por professor possivelmente está relacionada à capacidade máxima das salas de aula. Esse cenário tende a se agravar com os oligopólios no ensino

superior (Chaves, 2010) e sua busca contínua por lucros (Gaspar; Fernandes, 2014). O aumento no número de alunos em sala de aula, se não for planejado e estruturado de maneira adequada, pode levar à queda na qualidade do ensino (Mello, 2015), além de exaurir os professores do ensino superior (Sousa; Mendonça, 2009).

Com relação ao perfil sociodemográfico dos professores, observou-se um equilíbrio entre os sexos masculino e feminino. No entanto, existe uma grande disparidade em relação à raça. Durante o período analisado, houve um aumento discreto na quantidade de professores pretos e pardos. Embora tenha ocorrido uma evolução recente na participação de alunos pretos e pardos no corpo discente, graças à implementação da lei de cotas para o ensino superior em 2012 (Senkevicius; Mello, 2019), essa mesma evolução não é observada no perfil do corpo docente. Conforme apontado por Carrascosa *apud* Dantas (2018), a estrutura étnico-racial da universidade continua sendo predominantemente composta por homens brancos no topo da pirâmide, seguidos pelo corpo docente majoritariamente branco, técnicos administrativos com composição étnico-racial híbrida e, por fim, o corpo discente que tem visto um aumento na representação de estudantes negros desde a implementação de políticas de cotas. Na base da pirâmide universitária estão os terceirizados, predominantemente mulheres negras e de baixa renda.

Essa predominância de professores brancos no ensino superior brasileiro também foi relatada por Ferreira, Teixeira e Ferreira (2022). Além disso, apesar do aumento na quantidade de professores, a proporção de professores mais velhos (com 56 anos ou mais) aumentou no período. Isso que pode indicar que a carreira docente no ensino superior está se tornando mais exigente, demandando mais tempo de preparo e estudos para quem deseja ingressar. Nessa mesma linha, observou-se um aumento na proporção de professores com título de doutorado ao longo do período analisado. Outra explicação possível para esse fenômeno poderia ser a busca, na carreira acadêmica, por melhor qualidade de vida e complementação de renda (Bouzada; Kilimnik; De Oliveira, 2012), por pessoas que já possuem uma carreira fora do mundo acadêmico.

No que diz respeito à relação entre os docentes e as IES, um fator a ser observado é a endogenia acadêmica, em que os próprios doutorandos são aprovados em concursos de universidades públicas após a conclusão de seus estudos (Pelegrini; França, 2021). Durante o período analisado, houve uma diminuição na proporção de professores atuando em IES na mesma unidade federativa onde nasceram. Apesar do crescimento na quantidade de professores no ensino superior brasileiro, as mudanças em seu perfil foram pequenas. Outro aspecto relevante a ser considerado é a situação em que o professor inicia sua carreira em uma IES e posteriormente se transfere para a instituição onde realizou seus estudos de graduação e/ou pós-graduação (De Siqueira; Alves, 2016), fenômeno descrito por Horta (2013) como "cordão de prata". Vale ressaltar que há evidências na literatura de uma relação negativa entre a endogenia e a avaliação dos programas de pós-graduação realizada pela CAPES (Barbora et al, 2018).

Com relação à precarização do trabalho docente, apesar de mais de 85% dos professores terem apenas um vínculo empregatício com IES ao longo do período analisado, seria necessário

avaliar os docentes se possuem outros vínculos empregatícios fora do ambiente acadêmico. Essa análise não foi possível neste trabalho. Adicionalmente, foi avaliada a rotatividade dos professores e, embora haja uma certa estabilidade na proporção de professores que deixam a profissão de um ano para o outro, é possível observar um aumento no último período analisado (de 2016 a 2017). Essa rotatividade pode estar relacionada a fatores como o bem-estar psicológico dos professores, como apontado por Polizzi e Claro (2019), bem como com o fenômeno do *burnout*, conforme discutido por Carlotto (2004) e Costa et al (2013).

A qualidade do ensino superior depende diretamente da qualidade dos docentes universitários, tanto para a pesquisa e inovação em suas áreas de conhecimento, quanto para auxiliar no desenvolvimento do pensamento crítico e na resolução de problemas pelos estudantes, além de atuar na comunidade e no ambiente social em que estão inseridos. Conhecer o perfil dos docentes e sua evolução recente é essencial para o debate e o desenvolvimento do ensino superior no Brasil. Contudo, de acordo com Locatelli (2017), as condições de trabalho dos docentes são fortemente impactadas pelas transformações do mundo do trabalho. Este artigo utilizou dados anteriores à pandemia de Covid-19, a qual trouxe novos desafios e transformações para o ensino, como o ensino híbrido (De Oliveira et al, 2021) e novas práticas educacionais que afetam diretamente a rotina dos professores (De Araujo et al, 2020). Em um cenário de mudanças cada vez mais aceleradas, a precarização nas condições de trabalho e desigualdades contratuais e salariais (Gomes; Cruz, 2023) podem aumentar muito.

Em síntese, no período de 2010 a 2019, o número de docentes do ensino superior brasileiro aumentou significativamente, mas também aumentou a quantidade de alunos por professor. Apesar do crescimento do setor privado no ensino superior, os docentes das instituições públicas passaram a representar a maioria, com destaque para os Institutos Federais. O perfil dos professores continua predominantemente branco, embora haja uma equidade de gênero. Houve aumento na média de idade e no nível de titulação. A proporção de docentes nascidos no mesmo estado onde atuam diminuiu, sugerindo redução na endogenia acadêmica. Por fim, a taxa de permanência dos docentes na mesma instituição é de aproximadamente 85% e mais de 80% deles possuem apenas um vínculo empregatício no ensino superior. Apesar das transformações substanciais no ensino superior brasileiro, o perfil dos docentes teve poucas modificações.

## Referências

BARBOSA, Edmery Tavares et al. Relação entre endogenia e a avaliação CAPES dos programas de pós-graduação em ciências contábeis no Brasil. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)**, v. 12, n. 2, p. 169-185, 2018. Disponível em: <https://www.repec.org.br/repec/article/view/1673/1339>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BERG, Maggie; SEEBER, Barbara K. **The Slow Professor: Challenging the Culture of Speed in the Academy**. University of Toronto Press, 2018, 128 p. ISBN: 1442645563.

BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 1503-1523, 2007.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/9WptVJrmQdsdtW4fZ9VHgkh/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 09 jul. 2022.

BOUZADA, Valéria Christina Parreiras Costa; KILIMNIK, Zélia Miranda; DE OLIVEIRA, Luiz Cláudio Vieira. Professor iniciante: desafios e competências da carreira docente de nível superior e inserção no mercado de trabalho. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 2, n. 1, p. 1-18, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/9336/7006>.

Acesso em: 10 jul. 2022.

BROCH, Caroline; BRESCHILIARE, Fabiane Castilho Teixeira; BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. A expansão da educação superior no Brasil: notas sobre os desafios do trabalho docente. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, p. 257-274, 2020. Disponível:

<https://www.scielo.br/j/aval/a/fpjrVCm9bJpPn6LNsGZGLPH/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 22 jun. 2022.

CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de burnout características de cargo em professores universitários. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 4, n. 2, p. 145-162, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v4n2/v4n2a07.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2022.

CHAVES, Vera Lúcia Jacob. Expansão da privatização/mercantilização do ensino superior brasileiro: a formação dos oligopólios. **Educação & Sociedade**, v. 31, p. 481-500, 2010.

Disponível:

<https://www.scielo.br/j/es/a/SFTYDmV3zhBxftTPRVBR78m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso

em: 08 nov. 2022.

COSTA, Ludmila da Silva Tavares et al. Prevalência da Síndrome de Burnout em uma amostra de professores universitários brasileiros. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, p. 636-642, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/hNGtLkRL3MRBM9kSmzrBpCK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso

em: 08 nov. 2022.

DANTAS, Glenda. (2018). Coletivo Luiza Bairros: conheça o grupo que atua no combate ao racismo institucional na UFBA. Disponível em: <http://www.nacaoz.com.br/2015/coletivo-luiza-bairros-conheca-grupo-que-atua-no-combate-ao-racismo-institucional-na-ufba/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

DE ARAUJO, Renata Mendes *et al.* COVID-19, mudanças em práticas educacionais e a percepção de estresse por docentes do ensino superior no Brasil. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 28, p. 864-891, 2020. Disponível em:

<http://milanesa.ime.usp.br/rbie/index.php/rbie/article/view/v28p864/6744>. Acesso em: 06 jan.

2023.

DE SIQUEIRA, Wender Rodrigues; ALVES, Luciene Cândida Ferreira. Rotatividade de professores universitários: O caso de um campus fora da sede. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 7, n. 2, p. 95-107, 2016. Disponível em: [https://www.fundace.org.br/revistaracef/index.php/racef/article/view/324/pdf\\_25](https://www.fundace.org.br/revistaracef/index.php/racef/article/view/324/pdf_25). Acesso em 16 nov. 2022.

DE OLIVEIRA, Muriel Batista et al. O ensino híbrido no Brasil após pandemia do covid-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 918-932, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/22597/18090>. Acesso em: 06 jan. 2022.

FERREIRA, Edimara Maria; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano; FERREIRA, Marco Aurelio Marques. Prevalência racial e de gênero no perfil de docentes do ensino superior. **Revista Katálysis**, v. 25, p. 303-315, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/LvwKpGwBpzfTFtZkS3MygsL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2022

GASPAR, Ronaldo Fabiano; FERNANDES, Tânia Costa. Mercantilização e oligopolização no ensino superior privado. **Educação & Realidade**, v. 39, p. 945-966, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/cVyNVJwsbNsP4KkQ38ZgXCq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2022.

HORTA, Hugo. Deepening our understanding of academic inbreeding effects on research information exchange and scientific output: new insights for academic based research. **Higher education**, v. 65, p. 487-510, 2013. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23470834>. Acesso em: 28 ago. 2022.

GOMES, Pedrina Viana; CRUZ, Shirleide Pereira Silva da. Produção acadêmica sobre as condições de trabalho docente na América Latina (2000-2020). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 103, p. 675-696, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/gnmnXRcjRBRpDbbSF7hTmSy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 17 nov. 2022.

INEP (2020). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Microdados do Censo da Educação Superior**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 20 out. 2021.

LÉDA, Denise Bessa; MANCEBO, Deise. REUNI: heteronomia e precarização da universidade e do trabalho docente. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 1, p. 49-64, 2009. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v34n01/v34n01a04.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

LOCATELLI, Cleomar. Os professores no ensino superior brasileiro: transformações do trabalho docente na última década. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 98, p. 77-93, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/DR6H3jJ5qZvGJF4dTLrpWzh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MACFARLANE, Bruce. Professors as intellectual leaders: Formation, identity and role. **Studies in Higher Education**, v. 36, n. 1, p. 57-73, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03075070903443734>. Acesso em: 18 nov. 2022.

MELLO, Bernardo A. Aumento na quantidade de alunos em disciplinas básicas: Como obter vantagens dessa realidade universitária. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 37, p. 3503-1-3503-9, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbef/a/rXHB73dpmTVT57t5fZPYFgJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2022.

MIRANDA, Paula Roberta; DE AZEVEDO, Mário Luiz Neves. Fies e Prouni na expansão da educação superior brasileira: políticas de democratização do acesso e/ou de promoção do setor privado-mercantil? **Revista Educação & Formação**, v. 5, n. 3, p. e1421, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1421/3245>. Acesso em: 06 fev. 2022.

PELEGRINI, Tatiane; FRANÇA, Marco Túlio Aniceto. Endogenia acadêmica: insights sobre a pesquisa brasileira. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 50, p. 573-610, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ee/a/QFBSmpQwFVtsNyQRWWXHL3G/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09 mar. 2022.

PEREIRA, Fabiano Lemos. A precarização do trabalho do tutor a distância na Universidade Aberta do Brasil: Relatos de um tutor a distância. **EAD em Foco**, v. 7, n. 2, p. 205-219, 2017. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/519/255>. Acesso em: 15 mai. 2022.

POLIZZI, Angelo; CLARO, José Acs. O impacto de bem-estar no trabalho e capital psicológico sobre intenção de rotatividade: Um estudo com professores. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 20, eRAMG190064, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/MmksyBHtL86M5DOG7mb43xb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2022.

REIS, Briana Manzan; CECÍLIO, Salúa. Precarização, trabalho docente intensificado e saúde de professores universitários. **Trabalho & Educação**, v. 23, n. 2, p. 109-128, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9141/6566>. Acesso em: 14 mai. 2022.

RYAN, Suzanne. Academic zombies: A failure of resistance or a means of survival? **The Australian Universities' Review**, v. 54, n. 2, p. 3-11, 2012. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ981188.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SANCHEZ, Hugo Machado et al. Impacto da saúde na qualidade de vida e trabalho de docentes universitários de diferentes áreas de conhecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 4111-4123, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/y67sbpNhVfFF4BmWLFf4ZHt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SENKEVICS, Adriano Souza; MELLO, Ursula Mattioli. O perfil discente das universidades federais mudou pós-Lei de Cotas? **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, p. 184-208, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KSvkm3DG3pPZYvpXxQc6PFh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SOUSA, Ivone Félix de; MENDONÇA, Helenides. Burnout em professores universitários: impacto de percepções de justiça e comprometimento afetivo. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 25, p. 499-508, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/Rf9qQMBgH9yg8F4qCRhxXtd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2022.



TOMLINSON, Michael. Student perceptions of themselves as 'consumers' of higher education. **British Journal of Sociology of Education**, v. 38, n. 4, p. 450-467, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01425692.2015.1113856>. Acesso em: 10 nov. 2022.

VENCO, Selma. Uberização do trabalho: um fenômeno de tipo novo entre os docentes de São Paulo, Brasil?. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, e00207317, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/NkTJp5HZgJQVjhY36kT5rpN/>. Acesso em: 03 abr. 2022.

VEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski; SCHNEIKER, Daniel. O perfil docente no ensino superior privado e o desempenho no Enade. **Educação & Formação**, v. 6, n. 2, e4194, 2021. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2448-35832021000200053&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2448-35832021000200053&lng=es&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 02 jul. 2022.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ORLANDO, Evelyn de Almeida; MEYER, Patricia. Produtivismo acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários. **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 231-247, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/gtMMDrjZdhX8Q7yb5W5XqjN/?format=pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

WAAIJER, Cathelijn JF et al. Competition in science: Links between publication pressure, grant pressure and the academic job market. **Higher education policy**, v. 31, n. 2, p. 225-243, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/s41307-017-0051-y>. Acesso em: 22 jan. 2022.